

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

**Percurso Histórico
Programa de História Oral na Educação**

com

Milton Marildo Milaré

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Trajano Camargo

Limeira/SP

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora / Instituição: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti da Etec Trajano Camargo, em Limeira/SP.

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

O entrevistado foi indicado pelo Prof. Paulo César Pires da Silveira. Milaré foi seu aluno no curso Técnico em Mecânica, nos anos 1980. Mantém contato com ele e com outros ex-alunos, pelas redes sociais. O agendamento da entrevista foi intermediado pela assessoria de relacionamento e *marketing*, Fernanda Thegon, da Milaré Sistemas de Exaustão. O acesso, pela plataforma digital Teams, foi viabilizado pela diretora da Etec Trajano Camargo, Adriana Justina Rizzo. A entrevista foi realizada em 26 de março de 2021 por Marlene Aparecida Guiselini Benedetti.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti.

Local da entrevista: plataforma Teams, da Microsoft

Data: 26 de março de 2021

Técnico de gravação: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Duração: 34 minutos e 06 segundos

Número de vídeos: 01 (um)

Transcritora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Número de páginas: 14

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores”, durante a capacitação do Clube de Memórias XXXVI, proposta pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação

Profissional e Tecnológica, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, entre fevereiro e abril de 2021, com o entrevistado Milton Marildo Milaré, porque foi aluno do curso Técnico em Mecânica da EEPSPG Trajano Camargo. Poucos anos depois, se tornou empresário. Aceitou o convite para participar do projeto.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 13 de abril de 2021

Nome da transcritora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Marlene Aparecida Guiselini Benedetti (MAGB): Iniciando a gravação.

MAGB: Eu, Marlene Aparecida Guiselini Benedetti, professora de História da Etec Trajano Camargo e curadora do centro de memória da instituição, agradeço ao Sr. Milton Milaré conceder essa entrevista online, pela plataforma Teams, para o centro de memória. A entrevista será difundida no Projeto História Oral na Educação, do Centro Paula Souza, site de memórias. Hoje é dia 26 de março de 2021. Milaré, boa tarde!

Milton Marildo Milaré Milton (MMM): Boa tarde! Tudo bem com a senhora?

MAGB: Primeira pergunta: eu gostaria de falar um pouquinho como é uma história oral de vida, gostaria que falasse um pouquinho da sua origem familiar e social. O que você tem a dizer?

MMM: Eu sou natural de Limeira mesmo. Nasci em Limeira. Meus avós eram italianos, vieram da Itália, se alojaram na Fazenda Santa Tereza. Meu pai nasceu na Fazenda Santa Tereza e quando ele veio pra cidade, ele já tinha 2 filhos, 3 filhos quando veio pra cidade – a Fazenda Santa Tereza é aqui em Cosmópolis mesmo. Quando eles vieram para a cidade, fizeram a vida aqui na cidade. Meu pai sempre foi comerciante. Ele era caminhoneiro de cana na fazenda, meu avô era administrador da fazenda. Então, de certa maneira era uma pessoa culta, era uma pessoa letrada, como falava na época. Meu avô era uma pessoa muito inteligente, teve muitas posses e deixou uma casa para cada um dos nove filhos, quando ele faleceu. Meu pai sempre como vendedor ambulante, vendedor de rua. Com doze anos de idade, eu comecei a trabalhar com meu pai como ajudante na Oficina Mecânica dele que era uma oficina que fazia manutenção de equipamentos para bar, açougue, essas coisas, balanças, moedor de carne, serra, essas coisas todas. Eu comecei com ele ali.

MAGB: Quantos anos você tinha?

MMM: Doze anos de idade.

MAGB: OK! Você começou a trabalhar. Como é que foi a sua formação educacional? Como chamava, era Ensino Fundamental, era ensino o quê, naquela época?

MMM: Sim, sim. É o Grupo Prada. Ali foi o Primário meu, o Grupo Prada que era vizinho da minha casa, ficava a praticamente duzentos metros da minha casa o Grupo Prada. E ali fiz até a 8ª. série. Depois do Grupo Prada eu fiz o concurso e passei no Trajano Camargo que também era próximo da minha casa. Lá fiz o curso Técnico em Mecânica.

MAGB: E onde fez o ginásial?

MMM: O ginásial exatamente no Trajano Camargo.

MAGB: O ginásial? E o técnico também?

MMM: É, formação técnica, sim.

MAGB: Não. É que estou falando assim – o que era colegial era técnico em mecânica que você terminou.

MMM: Foi Colegial e formação Técnica junto.

MAGB: Ah! Entendi. O que seria 5^a. a 8^a. série, onde você fez?

MMM: Aí nós dizemos que é o Grupo Prada. De 1^a. a 5^a. série é Grupo Prada.

MAGB: E depois de 6^a a 8^a série: - o que seria?

MMM: Também Grupo Prada.

MAGB: Ah, é.

MMM: É o básico.

MAGB: Porque tem muita diferença. Você entrou no Trajano: tinha vestibulinho?

MMM: Tinha, tinha vestibulinho.

MAGB: Há, há. Você lembra o ano? Pra gente é importante o ano.

MMM: Se não estou enganado, deve ter sido 83.

MAGB: Quantos anos eram?

MMM: Quatro anos.

MAGB: Quatro anos – 83, 84, 85, 86.

MMM: Eu sei que me formei em 86.

MAGB: Não, sabe o que é Milaré: eu não posso fazer todas essas perguntas, mas faço sim. Agora, com essa pandemia – quando estava na escola, para fazer isso eu pego a ficha do aluno, pego o prontuário de vocês e agora não tem nada e ninguém, mas vou chegar nesse prontuário. O que tem que contar pra gente, porque o foco é muito o que era o Trajano; o que tem pra contar do curso que fez no Trajano – o tamanho das classes, professores, o que você lembra.

MMM: Eu considero o Trajano essencial para a minha vida. Eu tenho como professor básico de tudo o que aprendi na vida, o meu pai. Não era tão letrado mas uma pessoa muito inteligente, muito capacitado. Meu pai me ensinou a trabalhar em muitas coisas. Eu fazia o Trajano Camargo à noite, e, de dia, trabalhava com meu pai e já tinha as minhas coisas próprias, na época. Já com 13 anos de idade ajudava o meu pai no que ele precisava

e, ao mesmo tempo, fazia os meus empreendimentos, as minhas coisas que eu precisava fazer e já ganhava dinheiro por fora. Quando estava fazendo o Trajano Camargo, à noite, de dia, eu trabalhava com meu pai. A escola em si, eu acho fundamental para mim. Porque há muitas coisas que eu faço hoje e remate a coisas que aprendi no Trajano Camargo. Muitas disciplinas que aprendi lá, eu uso na minha empresa porque minha empresa é uma empresa mecânica, uma empresa de transformação e aqui tem muitas coisas que eu aprendi no Trajano Camargo e uso aqui.

MAGB: Ô Milaré, quer dizer que desde cedo - porque sabe que são palavras importantes empreendedor, inovação, quer dizer, que desde cedo você já tinha um sentido de empreendedor, com 13 anos de idade?

MMM: É, ou até antes, né.

MAGB: Até antes?

MMM: Com 9 anos de idade, 8 anos, eu criava passarinho e vendia na rua.

MAGB: Ah, é?

MMM: Para mim é uma pergunta – Quando você resolveu empreender? Eu não tenho essa resposta. Eu não decidi empreender. Eu vivi a minha vida empreendendo. A única que conheci fazer foi isso.

MAGB: Você acha que haveria qualidades pessoais necessárias ao empreendedorismo?

MMM: Eu acredito que sim, eu acredito que tenha aí, em grande porcentagem, o tino da pessoa. A pessoa em si só ela tem esse dom. Esse dom pode florescer ou pode não florescer, esse dom pode ser melhorado, pode ser ensinado, pode ser disciplinado, mas acredito que todo empreendedor, a primórdio, se ele não tem o dom, o primeiro instinto, ele não vira empreendedor.

MAGB: E na escola, no Trajano, conta alguma coisa do curso lá porque já estudei sobre o curso de Mecânica. Eu sei umas tantas coisas do curso de Mecânica. Quem você acha – você pode contar um pouco para mim como eram, as oficinas, os professores, as práticas dos professores, a classe de vocês, se tinha muita evasão, pouca evasão, era mais rapaz, não tinha moça, porque hoje em dia tem moça em mecânica. Naquela época, uma, duas ou nenhuma.

MMM: Isso. Talvez uma, duas. Menos ainda tinha meninas no curso de Metalurgia. Tinha menos ainda. Minha classe acho que tinha duas ou três meninas. Eu me identifiquei muito com o Trajano porque os professores são muito bons, eles falam uma linguagem que, para mim, era muito clara, muito fácil de entender. Paixão da minha vida a questão mecânica quando falava resistência dos materiais, dureza dos materiais. Viajávamos, às vezes, fazíamos excursões para conhecermos indústrias. Tudo isso já me encantava, naquela época. Tudo isso já era, para mim, encantador, já era o que eu tinha paixão. O Trajano Camargo, eu me identifiquei muito bem, gostava muito de estudar lá, gostava muito dos professores. Tenho grandes professores, tem professores que são meus amigos até hoje. Lá também tinha professores que eram empreendedores, que tinha sua vida de empreendimento.

MAGB: Quem?

MMM: O próprio Paulo sempre fez Fundação. O Baccan era a parte de elétrica, um dos melhores eletricitistas da cidade; o Bazana tinha algum envolvimento, o Caetano eu já não sei se só era mais didático. A disciplina do Caetano era mecânica. Então, também tinha muito professor também empreendedores, na época. Trabalhavam, além da escola, tinham outros negócios. Eram professores da área, são pessoas que não só sabiam a letra como sabiam a prática. Faziam porque estudavam e estudavam porque faziam. Quer dizer, era uma associação. Eu gostava muito, muito. Não vou dizer - daqui eu talvez saísse para ser um Torneiro Mecânico, em ser um Ajustador, um Fresador porque não era esse o meu sonho. Quando eu me formei no Trajano Camargo eu tinha que fazer o Estágio.

MAGB: Hum, hum!

MMM: Então vamos procurar Estágio. Eu entrei na Varga. Como já tinha um conhecimento de ferramentas, já tinha alguma coisa mais voltada, nessa época, fizeram uma peneira lá, descobriram isso e me colocaram no setor de testes que era um dos setores dos mais cobiçados, digamos assim, na Varga. Esse setor de testes de freios, é teste, realmente. Pegava o freio colocava na bancada, testava, se tinha rompimentos, se tinha durabilidade, se prestava, se não prestava. Então, eu entrei nesse setor fazendo estágio. Esse setor é ligado na engenharia da Varga, engenharia de desenvolvimento, um setor que desenvolvia os freios, criava, desenvolvia, botava para produzir e o meu setor, que era estagiário, fazia esses testes, essa avaliação de confiabilidade, de durabilidade dos freios. Eu fiquei um ano como estagiário e não me deixaram sair mais dali. Então, como eu ainda estava novo, eu falei – “tudo bem, vamos registrar, vou ficar mais um ano”. Mas, eu não queria ser empregado, eu não tinha a menor capacidade de ser empregado, de trabalhar como empregado.

MAGB: Vocação.

MMM: Vocação, exatamente. Eu não tinha vocação para trabalhar como empregado. E acabei ficando mais um ano lá. Também foi muito importante na minha formação, na minha estrutura como profissional os dois anos dentro da Varga, junto do setor de engenharia da Varga. Fez parte do meu estudo no Trajano Camargo. Só para avaliar, para a senhora ter uma breve noção da importância e da capacidade do Trajano Camargo – quando se colocava alunos vindos do Trajano Camargo, confrontando com alunos vindos do Cotil – se eram setores mais burocráticos, como fazer planilhas, fazer metrologia, essas coisinhas mais simples, mais tranquilinhas, pega-se aluno do Cotil.

MAGB: Hã!

MMM: Quando precisa de pessoas mais tarimbadas, mais pra áreas, mesmo para fazer estágio, em áreas com maior capacidade de mão de obra, e com maior entendimento do universo da Mecânica, pegava-se pessoas, meninos que vinham do Trajano Camargo. Tanto que poderia dizer assim: de cada dez estagiários da Varga, no mínimo sete, eram do Trajano Camargo, oito eram do Trajano Camargo, os outros é que eram do Cotil.

MAGB: Oh, Milaré, cê está falando umas coisas que afetam muito o coração da gente, tá. Porque faz vinte e seis anos que tô no Trajano Camargo, eu escrevo há mais de dez, eu escrevo sobre certos momentos da história da escola, e a gente gosta de ver que o esforço da gente não é em vão, embora eu não seja nada de técnico. Eu gosto muito da coisa de mecânica, mas não tenho nada de técnico, eu dou aula de história, né. Mas a gente fica assim muito contentes em saber que a escola foi de valia para os alunos, né. Até eu poderia perguntar assim: olha para sua educação profissional, o que você acha que a escola não lhe deu, porque não era aquele tempo, digamos assim, de tecnologia, né.

MMM: Sim.

MAGB: Não tinha AutoCAD. Nem isso tinha?

MMM: Não. Não tinha não.

MAGB: É, no lápis aprendeu. Então, vou falar assim: você se lembra, se você disse que Resistência dos Materiais, o Paulo deu aula para você?

MMM: Provavelmente.

MAGB: Eu sei que o Paulo dava aula de Desenho, de Resistência dos Materiais. Dentro da área técnica, eles davam para várias disciplinas. Você acha que o curso da escola poderia lhe ter dado mais algum gabarito para você empreender, para você fazer? O que falhou, se falhou. O que você acha disso? Você lembrando das coisas.

MMM: Então, como responder um negócio desse? Na minha visão, eu não teria uma resposta, eu não teria o que mencionar porque, quando sai do Trajano Camargo, eu fui fazer estágio, eu fui bem aceito, eu fui aprovado nos testes da Varga. Foi o primeiro e único teste que eu fiz para estagiário foi na Varga e já fui aceito. Quando eu estava efetivando meu estágio, fui reconhecido e o que eu aprendi no Trajano Camargo me deu base para sustentar e pra levar meu estágio ali de boa maneira. Tanto que ainda, depois, fui efetivado.

MAGB: Milaré, o estágio correspondia ao 4º ano ou era além do 4º ano?

MMM: É, então, a minha memória está me traindo agora porque não tenho certeza absoluta disso.

MAGB: Porque se eu pegasse seu histórico que está no prontuário eu vou saber disso, mas, vou saber por que certas vezes, quando era curso noturno e curso diurno, às vezes, o diurno era de três anos e o noturno era de quatro anos, mas esse 4º ano do noturno correspondia a estágio, a horas de estágio. Eu tô perguntando a você por que não tenho acesso ao histórico. É só por isso mesmo. Mas, continuando, você trabalhou em mais alguma empresa ou só na Varga?

MMM: Não, só lá.

MAGB: E daí, o que aconteceu depois?

MMM: Eu me formei em 86 - 86, 87, 88. Eu saí da Varga para abrir a minha empresa. Aí eu já abri, empresa realmente, com CNPJ. Daí estava com vinte anos de idade.

MAGB: [rindo] oh! que beleza! Com vinte anos de idade para quem começou a empreender cedo. Uma beleza isso aí. Então, o quê, mas você pode me dizer aqui. Eu tenho mais coisas pra perguntar, inclusive assim – com certeza, a resposta é não, você guardou algum diploma da escola – porque falei para a Fernanda que poderia colocar aqui – algum diploma, algum troféu, algum prêmio, você tem algum livro, algum caderno, alguma coisa?

MMM: Eu tenho aqui no arquivo, eu tenho o diploma, tenho o histórico do Trajano. Não procurei porque, como a senhora sabe, dependendo a época do ano, eu viajo muito, e dependendo da época, eu não viajo nada. Nessa época, estou viajando muito, estou bastante atarefado de trabalho, então não tive tempo de procurar isso. Mas assim eu tenho fotos, algumas fotos do pessoal da época. Mas não separei nada.

MAGB: Então, Milaré, vamos fazer uma coisinha assim - eu já sei que você está concedendo isso aqui como aquele favor. Chegou de viagem e já vai viajar. Mas, se você tiver uma hora, se você permitir que a Fernanda dê uma olhadinha no diploma, essas coisas, ela poderia digitalizar para mim, escanear e mandar.

MMM: Sim.

MAGB: Entendeu? Porque seria de grande valia, porque, inclusive, fotografia é o tipo da coisa que a gente tem mas não tem nem a data, não está marcado quem é que é. Se você souber, então..., é difícil pra gente conseguir informações, por isso a gente pergunta a data, onde fez, essas coisas, entendeu?

MMM: Sim.

MAGB: E daí, quando começou o primeiro negócio, era sobre o quê? Você teve parceria, teve capital aplicado? Conta esse início. Quem sabe, é inspiração para nossos alunos, né, Milaré.

MMM: Isso. Meu primeiro negócio, graças a Deus, é o único. Eu só tive essa empresa aberta e é aberta até hoje.

MAGB: Há quanto tempo?

MMM: Trinta e dois anos.

MAGB: Verdade? Olha só!

MMM: Vai fazer trinta e três anos. O ramo é, aproximadamente, o mesmo. Mudou algumas coisinhas dentro do ramo, mas é a mesma coisa. Quando comecei, manutenção de equipamento e instalações comerciais para açougue, bar, balanças de comércio, moedor de carne, serras, essas coisas de instalações comerciais. Disso virou, da manutenção, virou loja, que é compra e venda desse mesmo material. E dentro desse material, nas lanchonetes existia uma coisa chamada coifa que aquela que vai em cima do fogão. Na venda de instalações comerciais tinha-se que fazer coifa. Então, comecei a fabricar coifa. A fábrica começou daí. Em 90, por aí, estava começando a fabricação de coifas. Aí virou coifas em residência e de comércio, mas tudo dentro dessa área mesmo de instalações comerciais. Com o passar do tempo, foi-se ampliando a fabricação de coifas, exaustores, motores. Nesse campo virava exaustão, né, que é movimentação de ar, que é tudo virado coifa. As instalações comerciais foi diminuindo porque loja é complicado – as pessoas querem comprar na loja mas, naquela época, fazia nota promissória. A senhora nunca deve ter assinado uma nota promissória.

MAGB: Olha que já. Eu não sou tão nova assim.

MMM: Então, tinha nota promissória. E as pessoas pagavam nota promissória? Você levava muito calote. Hoje em dia, não. Você passa cartão, não leva calote em nada.

MAGB: Hã, hã.

MMM: Eu fui saindo fora de loja e voltando mais na fabricação. E, aproximadamente, 22 a 23 anos atrás, surgiu uma lei nacional que as farmácias de manipulação têm a exigência de fazer exaustores dentro do laboratório de manipulação. Então, é um exaustor para captura de partículas de pó de medicamento.

MAGB: Hum!

MMM: Um dos meus primeiros clientes e amigo na época, é até hoje, o Reinaldo Bella, da Farmácia Bella Terra, Farmácia de Manipulação, falou assim: Milton, vem aqui, você faz esse trem aí, faz isso aqui para mim. Não faço isso não. Esse é igualzinho. Você faz exaustor de fumaça, de gordura, de poeira. Então vem fazer um exaustor para minha farmácia. Eu fiz, com a graça de Deus - porque sou crente, desde meus 20-22 anos de idade, que creio em Deus, em Jesus, sou convertido -, e Deus foi abrindo as portas e abençoando, eu entrei nessa área de fabricação de exaustores para a área Farmacêutica. De lá para cá, essa área tem crescido e a gente, hoje em dia, tem 100% voltado para a área farmacêutica na nossa empresa.

MAGB: Olha que interessante!

MMM: Mas é uma geração que tem uma linha desde que comecei na primeira coisinha lá e até hoje em dia. Eu deixei pular – aos 13 anos de idade, meu pai me compra um compressor de pintura, um compressorzinho e ele falou assim - Aprenda a pintar nesse compressorzinho para você pintar minhas peças. Mas esse compressor é seu, é de presente para você. Falei – é? É meu? Beleza.” Então, ao mesmo tempo que eu fazia o que ele precisava que era a pintura das máquinas que ele fazia manutenção, eu saía para a rua, pintando porta, portão, porteira com aquele compressorzinho, até que uma pessoa me viu e falou – “O moleque, o que está fazendo com esse troço aí? - Eu faço pintura. - Não sabe nada. - Sei ué. E aí ele falou, então, vai pintar minha geladeira.” Era um comerciante que fazia manutenção de geladeira. Ele passava as geladeiras para mim, eu fazia a pintura, ele fazia o conserto da geladeira e devolvia para o cliente dele. Isso com 13-14 anos eu fazia pintura de geladeira além de outras coisas com esse compressorzinho. Esse compressorzinho tenho ele até hoje.

MAGB: Ô rapaz, tinha que estudar à noite mesmo.

MMM: Eu tenho o compressorzinho do meu pai, eu tenho a turquesa grande que meu pai trouxe da fazenda, um afiador de faca que ele sempre usou na vida tá comigo também. Tenho umas coisinhas do meu pai.

MAGB: Como se chamava seu pai?

MMM: Osvaldo. Osvaldo Milaré. Talvez, se você é de Limeira talvez vá lembrar.

MAGB: Não. Acho que estou visualizando o açougue.

MMM: Casa de Carnes Amazonas.

MAGB: Que rua que era?

MMM: A rua do Prada. Rua Alberto Ferreira. A rua da indústria Prada.

MAGB: Meu pai, que é falecido há muito tempo, tinha um amigo que era o Toninho do açougue.

MMM: O Toninho era de frente com a nossa casa. O Toninho era nosso amigo. Era o pai do Beto.

MAGB: É, meu pai conhecia. O que mais poderia que você contar pra a gente, Milaré. Por exemplo, o nome da empresa – Milaré. Porque a Fernanda ficou de me mandar um histórico da empresa. Tenho interesse nisso aí. Você foi mudando o nome da empresa?

MMM: Mudou apenas o nome da razão social. Antes era uma microempresa, então era meu nome – Milton Marildo Milaré – MMM. Então, quando foi fazer uma S.A., então, mudou para Milaré Sistemas de Exaustão. Então, basicamente é o Milaré. Porque você sabe que Limeira tem uma tradição nisso, né.

MAGB: Do quê?

MMM: Não é todas as cidades, não é o país que tem essa tradição que tem aqui em Limeira. Limeira sempre teve essa tradição, usar o sobrenome dos proprietários – Varga, Fumagalli, Newton, Mazutti, Furlan. Então a minha não poderia ser outra – Milaré, né. Roque, Invicta. Todos esses eram os sobrenomes dos fundadores.

MAGB: Hã, hã.

MMM: E o meu também foi assim – Milaré e eu não vejo Muito isso em muitas cidades.

MAGB: Interessante! Nome fantasia que eles colocam

MMM: Não vejo. Conheço nome fantasia que eles colocam. Aí tem muito SJC, FV, BF, tudo letrinhas assim. Por isso, na minha área do meu setor, todas as empresas que conheço que fazem exaustor nenhuma delas tem o sobrenome de quem fundou, trabalha lá. Não, é Exaustfarm, Multilabor, Exaustlab. Sempre assim. Você nunca sabe quem é, realmente, mas Limeira tem essa tradição, né.

MAGB: Você acha isso interessante, bom, necessário ou não?

MMM: Necessário, não sei. É uma questão de identificação. Mas na nossa empresa ganhamos muito com isso, ganhamos muito, muito. Em termos de credibilidade então nem se fala.

MAGB: Credibilidade. Tem outra também – fundada há tantos anos, desde..., não é?

MMM: Tem isso também sim.

MAGB: Sim. Desde tanto. É sinal que passou crise. E aí, como está a crise pandêmica para você aí? Como está para a empresa?

MMM: Olha. Eu vou dizer assim, eu passei por várias crises.

MAGB: Hum, hum.

MMM: Posso dizer desses trinta anos, eu consigo classificar as quatro grandes crises que passou o país, claro, minha empresa também passou. Essa crise que teve aqui foi uma crise de pessoas, não foi uma crise de mercado, foi uma crise de pessoas, as pessoas estavam em crise. Quando deu ano passado a pandemia, não é o mercado que ficou em crise eram as pessoas que ficaram em crise. Porque simplesmente os projetos pararam, as pessoas estavam com projetos em mãos, projetos em andamento, pararam. Não, vamos ver como vai ficar, vamos esperar, não sabemos qual será nosso destino. Então, o ano passado, nossa empresa foi obrigada a entrar em férias coletivas, por vinte dias, por falta de projetos, não por falta de trabalho porque até tínhamos andamento no trabalho. Mas

passando aquela crise pessoal, das pessoas, em si, particulares, sem saber o que fazer, do ano passado, como todo mercado deu um *boom*, não é? Deu um crescimento muito grande até o final do ano cresceu muito. Nossa empresa, o ano passado, cresceu 16% em meio às crises, mesmo parando esse período, mesmo a gente aproveitamento para fazer uma limpeza na empresa, até mesmo do quadro de funcionários que achamos necessário, na época, fizemos, também. Depois de agosto pra frente voltou ao mercado, as pessoas voltaram a ter credibilidade em fazer seus negócios. Porque eu vivo também do crescimento do mercado, né. A cidade cresce, vai fazer uma nova farmácia de manipulação, então tô eu lá, uma indústria farmacêutica, tô eu lá, um hospital, tô eu lá. E esse ano que está voltando a segunda onda, as pessoas não estão mais em crise. Não há crise no mercado farmacêutico em si, as pessoas não estão mais em pânico a ponto de parar os seus negócios, vão tocando os projetos. Então assim, eu zelo muito pelos meus funcionários, eu temo muito por eles, eu quero o bem deles, né. Tô contratando, se tiver pessoas de gabarito, tô contratando, tanto no setor administrativo, contratamos agora esse ano e na produção também contratamos, estamos precisando de pessoas para trabalhar e cuidando dos funcionários assim, sempre atento com o que está acontecendo com eles, da saúde deles, da família, dos amigos, dos parentes, sempre atento pra que todos fiquem bem, né.

MAGB: Deixa eu falar uma coisa, Milaré. Vou falar umas outras coisas com você mas acho que não preciso mais gravar, tá. Você tem alguma coisa para dizer, o quê achou da entrevista? Você tem algo a dizer, gostou, não gostou, tem alguma coisa a reparar, a acrescentar? O que você achou?

MMM: Não sei. Essa pergunta eu levo para você. A senhora gostou da entrevista?

MAGB: Não. Adorei.

MMM: Em relação ao Trajano Camargo foi suficiente? Quer que eu fale mais algo do Trajano Camargo, especificadamente?

MAGB: Então vou falar assim. Por exemplo: na sua turma tinha muita gente que evadia, que saía, ou alguns deles empreendeu ou foram só empregados? Eu já estou entendendo aonde você quer chegar, onde você chegou nesse empreendedorismo.

MMM: Não tem evasão, naquela época. Era pouca. Os alunos eram mais engajados. Eles tinham mais noção de responsabilidade, do que queriam. Hoje em dia, vai muito na porra lôca, a molecada não quer muito comprometimento, acha que a coisa pode levar de qualquer jeito. Mas, não tínhamos evasão não. Tinha os malucos que se lascavam, se arrebetavam de moto.

MAGB: Então, já existia isso.

MMM: Inclusive muitos amigos daquela época do Trajano Camargo, um deles fez o curso de Desenho Técnico, é o Adalberto Gail, inclusive faz dois anos que veio trabalhar comigo, é meu administrador aqui na empresa.

MAGB: Ah! Ok.

MMM: É um amigo da época do Trajano Camargo. Como o Paulo deve ter passado, a gente tem ainda muitos amigos daquela época e outros empreendedores, né.

MAGB: Então porque fiz entrevista com o Paulo, eu conheço o Paulo faz tempo, inclusive a gente mora perto, que eu moro no centro da cidade, né. Então, eu vou falar agora, acho

que vou suspender, mas fica mais só uns minutinhos aí que vou suspender essa gravação. Agora vou falar pra você a gente vai aprendendo por partes – eu gravei, conseguimos fazer isso aqui, pensei que nem fosse conseguir e conseguimos isso. Agora preciso saber como é que mando cópia para a Fernanda, como vou salvar, entendeu? E ainda tem todos esses lances. Você está disponível mais uns minutinhos?

MMM: Inclusive a Fernanda quer fazer uma pergunta para você.

MAGB: Que é era ficar na gravação?

Fernanda: Não, não, eu só ia comentar.

MAGB: Então, pera aí que estou suspendendo a gravação, tá.

Fernanda: Tá.

Descritores

Milton Marildo Milaré

Marlene Aparecida Guiseline Benedetti

História oral na educação

Empreendedorismo

Técnico em Mecânica

Escola Técnica Estadual Trajano Camargo

Fundição

Ajustador Mecânico

Fresador

Resistência dos Materiais

Engenharia

Metalurgia

Oficina Mecânica

Manutenção e instalação de equipamentos comerciais

Exaustores

Coifas

Balanças

Açougues

Farmácia de Manipulação

Evasão escolar

Desenho Técnico

Estágio

Estagiário
Compressor

Dados Biográficos do Entrevistado



Fotografia: Fernanda Thegon, em 23/3/2021

Milton Marildo Milaré nasceu em 11 de abril de 1966, em Limeira/SP, filho de Osvaldo Milaré, comerciante e Maria Aparecida Rosada Milaré, do lar. Fez Ensino Fundamental I (de 1ª. a 8ª. série) na E.E.P.G Prada, em Limeira (1974-1981); o curso Técnico em Mecânica na Escola Estadual de 1º e 2º grau Trajano Camargo (1983-1986). Teve professores empreendedores, que lecionavam e tinham seu próprio negócio. Os conhecimentos e habilidades aprendidas no curso Técnico de Mecânica foram fundamentais na sua vida profissional. Foi Estagiário, em 1987, e, no ano seguinte, funcionário registrado da Freios Varga, indústria de freios para veículos. Ser empregado não era sua vocação, então resolveu empreender, algo que fazia desde os 13 anos. Sua primeira empresa já foi a Milaré que, inicialmente, trabalhava com manutenção de máquinas comerciais e instalações comerciais, tinha 20 anos de idade. Há 32 anos é proprietário da Milaré Sistemas de Exaustão, especialista em projetos de exaustão e ventilação para indústrias, farmácias de manipulação, comércios e residências. Ocupação atual: empresário

Dados Biográficos da Entrevistadora



Fotografia: Dugan Robbins, 31/12/2017

Marlene Aparecida Guiseline Benedetti, nasceu em 15 de abril de 1946, em Limeira/ SP. Fez Educação Básica, o primário (1^a. a 4^a. série) no Grupo Escolar Cel. Flamínio Ferreira de Camargo e o ginásio (5^a. a 8^a. séries) no Instituto de Educação Castello Branco; Magistério ou curso Normal na mesma instituição. Curso superior: Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (atual UNESP); História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (MG); Estudos Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ouro Fino (MG). Foi Professora de 1^o. e 2^o. graus na rede estadual: início, em 1968, em Araras, no Ginásio Industrial Estadual Alberto Feres e, a partir de 1970, em Limeira, nas atuais escolas estaduais: Castello Branco, Prof. Nestor Martins Lino, Profa. Ruth Ramos Cappi, Prof. Lázaro Duarte do Páteo, Prof. Antonio Perches Lordello. Exerceu, durante um ano o cargo de Diretora e, por dois anos, o de Coordenadora de projeto de reestruturação do curso noturno, no Perches Lordello. Em 1995, começou a lecionar na Etec Trajano Camargo. Tem realizado pesquisas sobre a história da escola Trajano Camargo, desde 2008. Faz parte do GEPEMHEP- Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional.

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Milton Marildo Milaré

Termo de Autorização para uso de Imagem de Milton Marildo Milaré